

JORNAL DE Alfarelos

11 de Abril de 1958

Redacção e Administração
ALFARELOS

EDITOR
Carlos Marques Serra

Lançamento e Impressão na
IMPRESSORA ECONÓMICA Lda
Rua Dr. Santos Rocha, 26 — FIGUEIRA DA FOZ

Bairrismo

Pelo Dr. Dellim Pinheiro

A Pátria, objectiva ou geográficamente ligada à terra, ao lugar onde se nasce, começa na casa onde viemos ao Mundo e vai tendo cada vez mais amplitude — o casal, a aldeia, a vila, o bairro, a cidade, a provincia... o país inteiro. Que admira, pois, que alguém se interesse pela parcela, ou pelo todo?!

A calçada começa sempre pela pedra que se colocou e ajustou no leito da futura rua, como o corpo começa por uma célula. E' sempre assim. E aplicou-se o termo bairrista a todo aquele, indivíduo ou organismo, que mostra verdadeiro e entranhado interesse, material, cultural, ou moral, pela area, maior ou menor, da parte do Mundo aonde nasceu, sem interesse próprio.

No fundo, segundo penso, o bairrista, assim sucintamente descrito, desde que os interesses particularistas não estorvem ou invalidem os interesses dos outros, é um verdadeiro patriota, visto que a Pátria é o somatório dos esforços, do valor intelectual, físico e moral, de todos os indivíduos ligados pela Raça, pela História, pelos costumes, pela lingua, pelas Leis e até por qualquer coisa de impendável e de indescritível.

Digamos muito simples e praticamente: amigo da sua terra é aquele que de qualquer modo concorre para o seu progresso e o seu bom nome.

As palavras, só por si, mesmo que tenham bom significado, nada valem. São precisas obras.

E sucede até às vezes, que com o rodar dos tempos, certas palavras tomam um sentido pejorativo que mais tarde vem a reconhecer-se injusto e inconveniente para o progresso duma terra. Assim sucedeu com o termo «cacique» que, trazido doutros continentes e ligado à exploração material e politica de povos de civilização inferior, chegou até nós e se fixou como degradante para aquele a quem era aplicado.

Ora, se algumas vezes isso corresponde à verdade dos factos, muitas vezes succede o contrario e o chamado «cacique» era nem mais nem menos do que um sacrificado procurador do povo, do seu casal ou da sua aldeia, a bem do progresso da sua terra e de todos.

Que se pronunciam sobre este critério os meus conterrâneos a propósito dos homens que durante a sua permanência no Mundo tanto se sacrificaram por Alfarelos, sem do seu sacrificio tirarem mais do que a satisfação daquilo que eles consideravam o cumprimento dum dever, se não um imperativo da sua consciência, e o prazer, a pura satisfação de bem fazer.

O procurador metia o nariz em toda a parte — na Câmara, na Repartição de Fazenda, na Hidráulica e até no Seminário ou nos Ministérios — e se muitas vezes receoso dum «não» (o que é sempre desagradável) nunca temeroso de que o apodassem de interesseiro, pois só pedia... para os outros. Se calhava, tinha de se arvorar em Juiz de Paz para harmonizar desavindos, ou até em enfermeiro ou médico, na falta de quem exercesse o cargo. E a terra devia-lhe as calçadas, as fontes, os caminhos, as estradas do correio, o telefone, a confraria e a reparação da igreja ou da escola. Sem ele tudo ficava parado na freguesia.

Era «cacique», apenas porque pedia votos e, por vezes, até os esca-moteava aos contrários? Mas para quem os pedia ele?

Geralmente era apenas em puro proveito do engrandecimento da sua terra e dos seus conterrâneos e ele só retirava da sua acção politica intranquilidade, dissabores, perda de tempo e abandono dos interesses próprios.

Tavez, à força de o troçarem ou até vilipendiarem, o chamado «cacique» foi rareando a tal ponto que, hoje, há muitas terras decadentes ou

(Continua na 2.ª página)

COMEMORANDOS

A 11 do mês de Abril do ano de 1928, com a publicação do decreto n.º 15339 — completam-se hoje, pois, 30 anos — foi o lugar de Alfarelos elevado à categoria de vila.

O acontecimento encheu de alegria todos os Alfarelenses e fez vibrar de exaltada emoção um bom punhado de exaltados bairristas, desses indefectíveis bairristas que na nossa terra havia, na altura, e que hoje muito vão escasseando.

Com a concessão de tal foro, galardão que premia determinado grau de desenvolvimento atingido pelas pequenas povoações, terdo pensado os que vivem em comodismo, os que jámais deixam de ter os olhos postos

cambiantes de bairrismo.

Do presente, vive Alfarelos um momento verdadeira euforia.

Agitam-se ideias, fala-se em planos de concretização de velhos sonhos. O povo sente reforçadas certas esperanças e aguarda ansioso a hora em que seus olhos possam encher-se de felicidade com o erguer das realidades.

E' assim com o problema da água, visto que terminados, com êxito, os trabalhos de pesquisa, consta que vai proceder-se, com a brevidade que todos desejam, ao estudo da rede de distribuição.

Assim é com a estrada do apeadeiro de Montemor, a qual tendo beneficiado de obras de grande reparação, virá a ser submetida a um banho de asfalto, ao que corre.

E, conforme parece, até a construção da Casa da Junta de Freguesia começou a interessar as entidades responsáveis.

Tornadas realidades essas aspirações, e criado entre nós um subposto da Guarda Nacional Republicana, que sirva conjuntamente as demais freguesias do norte do concelho — velha necessidade pela primeira vez representada ao Governo no ano de 1915 — as nossas gentes sentir-se-ão felizes, fruindo esses bens públicos e outros que já possuem, com a alma aberta em arroubos de gratidão para com aqueles que souberam compreendê-los.

E se, para tanto, necessário for o contributo da bolsa de cada um, como se comportará o nosso povo?

A esperança ainda não se desape-gou de nós.

Nesta terra estremecida onde existem os recantos das mais gratas recordações da nossa infância e das nossas afeições; nesta terra onde lutamos e nos fizemos homens; aqui, onde viveram nossos passados, essa palavra bairrismo que ainda por aí corre e chega a nossos ouvidos, não está vazia de significado, nem a ideia que ela encerra é sentimento a que os corações da nossa gente não possam dar guarida.

Será tudo uma questão de compreensão, uma questão de entendimentos.

Em comemoração da data que hoje corre um grupo de Alfarelenses, com o patrocínio da Junta de Freguesia, decidiu levar a efeito singelos festejos. E integrada neles surge a publicação deste modesto jornal, destinado a vida efêmera, porque a sua existência não se prolongará para além do presente número.

Deseja-se que «Jornal de Alfarelos» sirva para que se estreitem num fraternal abraço todos os alfarelenses dispersos pelas sete partidas do Mundo e, que a meditação sobre o que valemos e sobre o que podemos vir a valer, se nos soubermos unir, tenha a força de fazer reacender o adormecido bairrismo de muitos.



VISTA PARCIAL DE ALFARELOS

no interesse próprio, os que se afastam da luta pelo bem publico, os que se escusam da cooperação na empresa comum — atitudes estas, todas, contrárias à ideia bairrista — que muito proveito iria arrecadar-se para a nossa terra.

Esqueceram-se, todavia, que para levar a bom termo empreendimento de interesse publico, sobre ser necessária a boa vontade do Estado e das autorquias, indispensável é, e acima de tudo, grande soma de entusiasmo e de carinho, se não, até, a contribuição financeira dos povos.

Referem as gazetas diárias, a cada passo, a concessão de avultadas participações para a realização de melhoramentos vários que vão satisfazer as aspirações das gentes. Acontece, mesmo, que tantas dessas obras publicas, há muito tempo cobichadas por nós, vêm sendo fruídas de longa data por aglomerados populacionais que não podem entrar em confronto conosco, nem em categoria administrativa, nem no volume dos interesses dados aos cofres do Estado, nem, tão pouco, no número de habitantes ou no peso que cada lugar representa na balança económica da Nação.

O que justifica, pois, a satisfação deles e a nossa mingua?

A nosso ver, e principalmente, as

Número único comemorativo do 30.º aniversário da elevação de Alfarelos a Vila

Fastos de Alfarelos

no decurso dos últimos cem anos

Vem a propósito, nesta data comemorativa, recordar os factos mais assinaláveis ocorridos no termo de Alfarelos, nos derradeiros cem anos.

Algumas das realizações que vão referir-se foram conseguidas por mercê da influência, do sacrifício e do entusiasmo de uns tantos alfarelenses devotados ao progresso de sua terra e à melhoria das condições de vida de suas gentes. Outras ficaram a dever-se à iniciativa e à conjugação de vontades de grupos de bairristas. Muitos deles perderam-se em nosso convívio pela execução da implacável lei da morte.

Mas para todos aqueles, vivos ou desaparecidos, que puderam, quiseram e souberam contribuir, com uma migalha de esforço, sequer, para o engrandecimento desta terra, vai a comovida reverência daquele que, em buscas por velhos documentos ou revendo factos recentes, compilou as recordações contidas nas linhas que se seguem.

Ano de 1857: — Foi criada na sede da freguesia a primeira cadeira de ensino primário.

Ano de 1864: — No censo geral da população, este ano realizado, a freguesia acusa a existência de 358 fogos e de 1482 almas.

Ano de 1877: — Cria-se uma aula de ensino primário para o sexo feminino.

Ano de 1880: — Funda-se no lugar a Sociedade dos Lavradores de Alfarelos, instituição cooperativa seguradora, cuja acção ainda se desenvolve em nossos dias.

Ano de 1887: — Com solenidades adequadas é benzido o cemitério paroquial, acabado de construir. Desde então as inumações deixam de fazer-se na igreja.

Ano de 1889: — É inaugurada a capela do Casal do Redinho, consagrada ao apóstolo S. Pedro.

Ano de 1893: — Funda-se a Sociedade Recreativa Dramática Alfarelense. A 2 do mês de Abril teve lugar a primeira récita com a representação das pequenas comédias «Cada doído», «Meias solas e tacões» e «Com medo da revolta». Foi dissolvida no ano de 1906.

Ano de 1896: — Um grupo de alfarelenses, tendo à sua frente António dos Santos Neto, funda a Filarmónica 15 de Agosto.

Ano de 1899: — A 14 do mês de Novembro deste ano estabelece-se a primeira feira de gado suíno. Ininterruptamente desde então tem vindo a realizar-se, com grande concorrência, no dia 14 de cada mês.

Ano de 1902: — Criado o partido médico de Alfarelos, é o Dr. Delfim Augusto da Silva Pinheiro o primeiro clínico a ocupar o cargo.

É inaugurado o fontanário público no lugar de Fonte dos Cães.

Ano de 1904: — Procede-se à venda do Campo da Velha para custear as despesas com a construção do vetusto edifício dos Paços do Concelho de Soure.

Ano de 1907: — Alguns jovens alfarelenses fundam a Tuna «Os Boémios», que teve curta existência.

Ano de 1911: — É inaugurada a primeira iluminação pública, em Alfarelos, utilizando-se gazómetros de carbono.

Cria-se um posto do Registo Civil, que ainda se mantém em nossos dias.

A Comissão Administrativa, com o

entusiasmo de José Cardoso Aires Pinheiro, seu presidente, e o auxílio de particulares, estabelece uma biblioteca pública e um curso nocturno para educação de adultos analfabetos. Denomina-se o centro de instrução «Biblioteca Popular de Alfarelos».

Ano de 1913: — Procede-se à arborização do Outeiro (actual Largo dos Combatentes da Grande Guerra) e realiza-se a Festa da Arvore, que culminou num brilhante cortejo alegórico.

Ano de 1914: — Projecta-se, com o patrocínio da Inspeção de Infantaria da 5.ª Divisão do Exército, a construção de uma Carreira de Tiro Civil, destinada a instrução militar preparatória, no Monte Salabordo. Dificuldades de várias ordens obrigaram a abandonar a ideia.

Ano de 1922: — Por iniciativa da Junta de Paróquia o povo da freguesia e as autoridades da comarca reúnem-se para homenagear o filho de Alfarelos, Emídio Cardoso Aires Pinheiro, e o presidente da mesma Junta, António dos Santos Neto. São dados seus nomes a duas das principais artérias do lugar.

Ano de 1924: — Funda-se a Associação de Instrução e Recreio 1.º de Maio Alfarelense, que havia de vir a desempenhar relevante papel na vida associativa local.

Ano de 1927: — Instala-se na povoação a estação telefonia-postal recentemente criada.

Ano de 1931: — Faz-se o assentamento de bancos para uso do público, no Outeiro e na Praça Emídio Pinheiro.

Com luzida cerimónia presta-se homenagem aos soldados da freguesia tomados para sempre nos campos de batalha por ocasião da guerra mundial de 1914-1918.

Ano de 1934: — Inaugura-se, com grande festa, o novo relógio posto na torre da Igreja Matriz, recentemente alteada.

Inaugura-se, também, o lavadouro público das Carregueiras.

Ano de 1935: — Funda-se o «Clube 1.º de Setembro», a que concorriam as mais destacadas famílias locais e que pouca duração teve.

Ano de 1936: — Em pública sessão, realizada na sede da Junta de Freguesia, o tenente José Beato, presidente do município sourense, é proclamado cidadão benemérito de Alfarelos.

Com a presença de destacadas figuras do distrito e da comarca inaugura-se a distribuição de energia eléctrica na vila.

Ano de 1937: — No Casal do Redinho entra a funcionar uma fonte pública e pavimenta-se a primeira artéria do lugar, aquela a que depois veio a ser dado o nome de Virgílio Pinheiro.

Jorge da Silva Coato funda o Grupo Desportivo Alfarelense, ofertando-lhe equipamentos completos, mobilando a sua sede e preparando um campo de jogos, que tomou o seu nome.

Ano de 1938: — Num concurso de ranchos folclóricos realizados na cidade de Coimbra, o de Alfarelos, da orientação de Joaquim Gonçalves Machado, exhibe-se de modo a ser distinguido pela crítica.

Ano de 1939: — É inaugurado o Jardim Público no Largo dos Combatentes da Grande Guerra.

Para dar satisfação às necessidades do trânsito é demolida a capela do Terreiro da Relva, consagrada a Santo António.

Ano de 1941: — Constrói-se o edifício-sede da Associação 1.º de Maio Alfarelense. O seu teatro privativo é inaugurado a 13 de Abril com a representação da opereta «Noites de Santo António», desempenhada com acerto por amadores locais.

Ano de 1947: — A estação dos Correios é elevada à categoria de Regional, com o consequente alargamento de serviços.

Falece o indefectível bairrista António Augusto da Costa Nunes, que tomou parte activa na pugna judicial respeitante ao caminho da Tramagueira.

Ano de 1948: — Morre Virgílio da Silva Pinheiro a quem se ficaram devendo, em larga medida, as mais importantes realizações de interesse público levadas a efeito nos últimos 30 anos.

Concluem-se obras de grande reparo, na Igreja Matriz, as quais importaram em cerca de 200 contos.

Ano de 1950: — O Padre João Antunes funda um novo agrupamento desportivo, denominado Juventude Católica Alfarelense.

Ano de 1951: — O «Rancho Folclórico Flores da Beira litoral», da orientação artística do maestro António Oleiro, exhibe-se no recinto da Feira Popular, em Lisboa, perante milhares de assistentes e com grande brilhantismo.

Ano de 1952: — Morre o professor João Maria dos Santos Neto, vulto destacado no meio social.

Ano de 1953: — No lugar do Casal do Redinho é inaugurado o moderno edifício destinado à sua escola mista.

Ano de 1954: — Beneficia de larga reparação a estrada que liga Alfarelos à sede do concelho, e, a velha Ponte de Ferro do Vale de Soure é substituída pelo belo viaduto que ali existe ao presente.

Ano de 1957: — Iniciam-se os trabalhos de pesquisa de água para abastecimento à vila.

A 30 do mês de Junho, cerca de 5000 pessoas de todo o arciprestado de Alfarelos reúnem-se, aqui, numa impressionante manifestação de fé, para se despedirem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

Que a vontade dos homens, as andanças da vida e a boa fortuna possibilitem, rodados alguns anos mais, que aos fastos de Alfarelos se acrescentem outros, mais e brilhantes, para glória da vila e proveito de seu povo.

A. P.

O ARCIPIRESTADO de Alfarelos

Na organização eclesiástica, a vila de Alfarelos é sede de um arciprestado, de criação antiga, que abrange as paróquias de Pereira do Campo, Santo Varão, Vila Nova de Barca, Verrede, Reveles, e Abrunheira do concelho de Montemor-o-Velho, e, as de Granja do Ulmeiro, Alfarelos e Brunhós, do concelho de Soure.

A paróquia da sede do arciprestado — a de São Sebastião de Alfarelos — foi vigiaria da apresentação do Bispo de Coimbra, e, a sua igreja aparece já no ano de 1682 elevada a essa dignidade, tudo levando a supor, porém, que tenha existência desde época mais recuada.

Tem inscrita a data de 1625 o cruzeiro erguido próximo da sua fronteira. E as mais antigas obras de escultura sacra, existentes no templo, conforme se refere no Inventário Artístico do Distrito de Coimbra, da autoria do falecido arqueólogo Dr. Virgílio Correia e do sábio padre Nogueira Gonçalves, são a imagem de Santa Luzia, de calcáreo, estilo renascença, e o alto relevo de pedra, estilo manuelino, representando o Calvário, ambas do século XVI.

Esta última, teve mesmo a honra de uma reprodução fotográfica, na dita obra

A. P.

Bairrismo

(Continuação da 1.ª página)

impressivas, porque não têm um procurador do Povo, como é mais do meu agrado chamar-lhe. E, dantes: Rei morto, Rei posto; mas, agora, ou pelos apoios que sobre o pobre «cacique» gerações sucessivas lançaram, ou porque o cargo deixou de ser recompensado, ao menos, com a humana gratidão, já ninguém quer ser procurador do Povo e cada um trata da sua vida e não quer saber da dos outros ou, mais propriamente, da da Colectividade.

Alfarelenses: a nossa terra precisa dum procurador do Povo, dum verdadeiro procurador, sincero e desinteressado. Se não for possível encontrá-lo nascido ou enraizado em Alfarelos, que se constitua uma comissão (um triunvirato basta) que olhe pelo progresso da terra que tende para o marasmo, a estagnação e o retrocesso.

Abram os olhos à evidência, espreguicem-se... e trabalhem para o progresso de Alfarelos, que não será vila apenas porque, oficialmente, assim a classificaram, mas porque, de facto, merece a categoria.

A. P.

TERRA AMADA

Alfarelos está em festa. Comemora o seu trigésimo aniversário da elevação à categoria de vila.

Também eu — teu modesto e amoroso filho — quero patentear-te, nestas desataviadas linhas, quanto me estremeço e me desvaneco — minha velhinha! — ver-te rejuvenescida no dia de hoje, esquecida dos teus dilatados anos, toda galas e ufana da tua posição de dominadora dos virientes campos do Anços e do Mondego.

Modesta aldeã que foste, vinda de tempos imemoriais, trajas agora de grande dama, amante do progresso e... da moda!

Tens, entre outras coisas belas — marcantes da vida progressiva — um formosíssimo jardim — supremo encanto dos que viste nascer! — que adivinha, na sua florescência, a despontar, o bafo quente e acariciador da mãe Primavera, prestes a derramar mais abundantemente as suas bênçãos e carinhos.

Mas não pares, minha terra amada, continua a estimular os teus filhos, porque todos eles desejam mais e melhor.

Assim t'ó pede um velho alfarelense, que o peso dos anos pôs já no fim da jornada, mas que se te entrega de alma e coração.

C. P.

Joaquim RedondoVinhos e seus derivadosLargo de Santo António
ALFARELOS**ORLANDO DE SOUSA BRANCA**
— Médico —

Rua António dos Santos Neto

ALFARELOS

Olinda Mendes AntunesFÁBRICA DE MOAGEM

Casal do Redinho — Alfarelos

Arborícola do Mondego

Telef. 66140 — ALFARELOS

Viveiros de árvores de fruto e
VIDEIRAS AMERICANAS**M. D. M. Falconer, L. da**Fábrica de Creosotagem e trata-
mento de madeiras com diversos
— Produtos Químicos —

Telef. 66131

Chalet**ALFARELOS****José Dias de Abreu**VINHOS
e seus derivados

Rua das Clementes-ALFARELOS

Joaquim RedondoCONSTRUTOR CIVILImpermeabilização pelos processos
mais recentes.CAFÉ OLIMAR — Telef. 22216
BUARCOS — Figueira da Foz
o Alfarelos**Carlos Vicente da Silva Maltês**Sapataria — Oficina de manufacturaR. Cruz do Cabo à Chapinheira
Alfarelos**ZEFERINO CANAIS**OFICINA DE OLARIA
Fabrico de Utensílios de
USO DOMÉSTICO

Casal do Redinho-Alfarelos

CARLOS RAMOS PAÑÃO
MOAGEM DE CEREAIS

— ENTREGAS AO DOMICÍLIO —

Rua da Chapinheira ALFARELOS

Constantino Alves EstevesAUTOMÓVEL DE ALUGUER
CASA DE PASTO

Telef. 66134 Alfarelos — Gare

Mercearia CENTRAL
— de —JOSÉ RAMOS DOS SANTOS
Mercearias, Vinhos e MiudezasPraça Emídio Pinheiro
ALFARELOS**António Rosa**VINHOS E PETISCOS — TABACOSApeadeiro de Montemor
ALFARELOS**Barbearia CENTRAL**

— de —

Joaquim Rodrigues Pimentel

////

Rua Direita — ALFARELOS

ANTÓNIO MARQUES SERRA (FARIA)SIDEROTÉCNICO
DIPLOMADO

R. das Carvalhas - Alfarelos

JOÃO MARIA ALVESNegociante de Peixe
Frutas e Hortalças

Estrada do Apeadeiro — ALFARELOS

Joaquim PintoNEGOCIANTE DE PEIXE

★

R. da Relva — ALFARELOS

ADUZINDO MARTINS COELHO
MÉDICO

Consultas das 15,30 às 17,30 horas

ALFARELOS—GARE

Olímpio Gonçalves MachadoNEGOCIANTE DE PEIXE

Rua da Chapinheira ALFARELOS

Barbearia MODERNA

— de —

JOSÉ FERREIRA CARVALHO

Largo dos Combatentes
da Grande Guerra ALFARELOS**António Gomes Pinto**MERCEARIA
E VINHOS

Chalet — ALFARELOS

António Vicente da Costa Roque

SIDEROTÉCNICO

Diplomado pela Escola Superior
de Medicina Veterinária de Lisboa

R. da Chapinheira—ALFARELOS

Manuel Nunes Rodrigues (Casa fundada em 1924)Fábrica de:
Alcatrão Vegetal e Carbonílio

Telef. 66120 :: Alfarelos--Fontinha

José AntunesMERCEARIA—VINHOS
Tabaco e Miudezas

Casal do Redinho//Alfarelos

MANUEL MARIO DA SILVAOFICINA DE OLARIA
Fabrico de Utensílios de
USO DOMÉSTICO

CASAL DO REDINHO—Alfarelos

Restaurante

— de —

JOÃO GILSANS DOS SANTOSEsmerado Serviço de Cozinha
Almoços, Jantares e Dormidas

Alfarelos — Gare

TALHO**Salsicharia Central**

— de —

João Redondo Rodrigues Cosinheiro

Praça Emídio Pinheiro - Alfarelos

CARLOS FERREIRA DA SILVABARBEARIA
Oficina de Alfaiataria

R. da Igreja Alfarelos

As paisagens desta Terra Bela

Desde muito novo nos deixamos prender pela magnificência do deslumbrante panorama que se disfruta do Pícarolo da Costa, e os que por lá mourem no amanho dos olivais e das leiras roubadas aos tojos e aos matos, já não se admiram de nos ver ascender, com frequência, até junto do marco geodésico ali colocado, alcançando-o quer pelas bandas de S. Pedro, de ladeira íngreme, quer, o que mais raro acontece, pelos lados de Arnes.

Subimos ao alto ansiosos por afundar o espírito na soberba paisagem, cheia de sinfonias de cor e de harmonias da vida, e para ali ficamos, tempo sem fim, olhos postos no que se estende ao redor e a nossos pés, esquecidos das agruras do mundo.

O homem, cumprindo o destino traçado há séculos, manobra a charrua e lança a semente ao agro cujo estado actual de granjeio representa o esforço hercúleo de muitos centos de anos; há rumores de labuta nas quintas, nos casais, nas vilas e nas aldeias, erguidas por aqui e por ali até perder de vista, ora à beira do vale extenso, ora pelas encostas dos montes que o circundam; há movimento e há vida, nos animais que ajudam o homem a revolver a terra, condição da sua fertilidade, no Mondego sulcado de batéis, no rumorejar das árvores, no cântico das aves, no deslizar suave das águas pelos riachos e ribeiros próximos, no sol radioso que cobre todos os seres e todas as coisas; há esperança no provir e há crença dos povos em Deus, Deus recordado nos campanários das igrejas caiadinhãs de branco, donde se desprendem toques de avé-marias.

E quando rompe a quadra primaveraíl tudo à nossa volta é imensa mancha verde, verde de vários matizes, com flores às mancheias.

A enquadrar a paisagem de horizontes vastos, os contrafortes da Serra da Boa Viagem, ao lado do mar, e, para o interior, as massas escuras e altaneiras da Sicó, da Lousã, do Buçaco, do Caramulo, e, muito ao longe, lembrando dedo de gigante a espetar-se no céu, o pincaro mais alto da Serra da Estrela.

Toda beleza, nimbada de bucolismo, este quadro constitui a prenda mais formosa que podemos ofertar à sensibilidade de quem nos visita.

Do outro lado do termo, fica o Monte de Salabardo donde se vislumbra panorama que tem muito de belo, também.

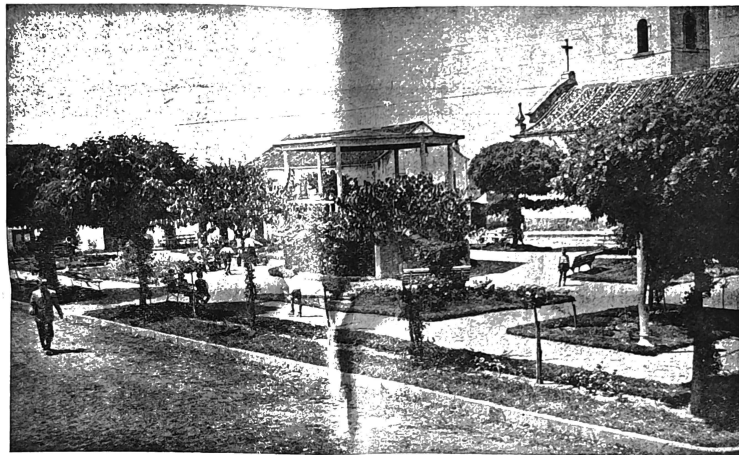
O mesmo colorido natural, a mesma sã labuta camponesa, num cenário, todavia, menos largo e menos calmo e sereno, por sofrer a invasão de estridulos ruidos provindos do vizinho entroncamento ferroviário — nota vibrante de progresso na quietude primitiva do sítio. — Mas dali, do Salabardo, nas horas angustiantes do pôr do sol, o casario da vila, dominado pela torre da igreja matriz, surge-nos em magestoso contra-luz a oferecer inspiração a poetas e em desafio às paletas dos pintores.

E como se tudo não bastasse, a natureza quiç conceder-nos outra graça

mais. Esta é a visão paisagística que se alcança da vertente sul da colina onde a vila assenta: os paúis inundados, na época das grandes cheias invernosas, qual lagoa remansosa; os mesmos paúis, nos formosos dias de Outono de sol esbranquiçado e preguiçoso, com as marinhas de seus arrozais transformadas em loutras messes.

Tanta beleza, à mingua de miradouro adequado, aqui, ou de acesso fácil, acolá, está escondida da maior parte dos que apressadamente nos visitam. Mas regala-nos a lembrança dos momentos de verdadeiro extase vividos por aqueles a quem tivemos o gosto e a vaidade de fazer contemplar as maravilhas com que a natureza dotou esta terra bela.

A. P.



ALFARELOS — Jardim Público

O Rio Mondego e seus campos

Dos campos, desses outrora ubérrimos campos do Mondego, tiraram as gentes do termo de Alfarelos, desde sempre, o pão para sustento seu.

Até meados do século de quatrocentos a principal cultura era a do milho miúdo, por patinho designado. A partir de então, principia a cultivar-se o milho grosso, conhecido por milho, trazido da Guiné.

Com isso grandes mutações se produzem na economia dos povos, mutações que têm o seu reflexo nos aspectos social e artístico. E de tal ordem se mostra a valia dos campos do Mondego, que servem de cobaia a nobres, protegidos da Casa Real; os condes de Tentugal e duques de Cadaval; os duques de Aveiro.

Esses campos, largos mananciais de pão, tiravam a sua fertilidade do Mondego que os banhava — e banha ainda, embora por curso diverso abeto à mão do homem em porfia dos esforços que se desenvolveram na última década do século de setecentos e na primeira do século imediato — e, de modo particular, das inundações que o transbordar das águas provocava em maré de enchentes.

Mas nem só por fertilizar o agro o Rio Desempenhava, também, papel importante na via de comunicação, praticado por navios de apreciável calado, até um pouco além de Mon-

Na hora festiva que passa, neste momento de maré cheia de vibração para a dilatada família alfarelense, quere-se um minuto de silêncio, em recolhida meditação, na lembrança de um punhado de mortos.

Que no espírito dos vivos paire, por um momento, ao menos, a recordação de uns tantos que mais assinaladamente contribuíram, com carinho e com devoção, para o engrandecimento de Alfarelos, pondo assim — sem que alguns o adivinhassem, sequer, — uma condição de possibilidade de do momento que hoje se vive.

Emídio Cardoso Aires Pinheiro!

Coração aberto à bondade e ao amor pelo seu semelhante.

Como poucos, deu-se inteiramente ao bem público e às coisas da sua terra, sacrificando até sua fazenda, seus interesses privados e o seu sossego.

Foi presidente da Câmara duran-

te largo período e, por mais de uma vez, administrador do nosso concelho.

Virgílio da Silva Pinheiro!

Sempre à frente de todas as iniciativas, a vencer obstáculos, a angariar vontades, a dar alento aos hesitantes. Sempre insatisfeito e em busca de tudo o que pudesse contribuir para um Alfarelos maior.

Relanceando a memória por todas as realizações importantes conseguidas no seu tempo, haverá de encontrar-se seu nome ligado a elas.

Foi presidente da Câmara do nosso concelho, em dois momentos, e fez parte de diversas vereações municipais.

António dos Santos Neto!

Radicado em Alfarelos, pelo casamento, manteve-se à frente da sua Junta de Freguesia, por largo tempo. Ficou a dever-se-lhe, em grande parte, a fundação desse firme baluarte no movimento associativo da nossa terra que é a Filarmónica 15 de Agosto.

João Maria dos Santos Neto!

Em anos sucessivos de exercício do mister de professor, levou a luz ao espírito de muitas gerações de novos, prestando-lhes os primeiros ensinamentos para as lutas da vida.

Na sua bolsa e no seu entusiasmo encontraram apoio todas as iniciativas que visaram o progresso de Alfarelos.

Foi vice-presidente e vereador da Câmara do nosso concelho.

António Augusto da Costa Nunes!

Sentia até à comoção, até às lágrimas, tudo o que à sua terra respeitava, ou fôsse motivo de glória ou fôsse afronta que lhe dirigissem.

Encantava-se com o engrandecimento do torrão onde nasceu e não regateava nem esforço, nem ajuda pecuniária, a todos os movimentos de interesse para a grei.

Foi vereador municipal.

Cinco dedicados alfarelenses, cinco varões ilustres da nossa terra!

Cinco homens que se recordam no doloroso momento deste minuto de silêncio!

A. R. C.

GRUPO CARAS DIREITAS, DE BUARCOS, em Alfarelos

Acedeu francamente ao nosso pedido de colaboração nos festejos do 30.º aniversário da Vila de Alfarelos, o prestimoso Grupo Caras Direitas, de Buarcos, que vai apresentar entre nós, no palco da Associação Instrução e Recreio 1.º de Maio a farsa em 3 actos «Adeus, Artur», para o que se desloca graciosamente à nossa terra amanhã, dia 12.

Conhecido de muitos que tiveram a felicidade de o ver representar, por quase todos, pelo nome que conquistou no amadorismo, estamos certos de que a sala irá ser pequena para conter todos aqueles que, há já alguns anos, não têm a ventura de ver representar no palco da Associação, qualquer peça teatral, dantes tão frequentemente.

A Direcção do Grupo Caras Direitas, de Buarcos, pela maneira gentil como nos receberam, pelo pronto assentimento ao nosso pedido e pelo fim benéfico a que destinamos o produto da sua récita, o nosso agradecimento.

A. P.

Alfarelos

REALIDADES E SONHOS

pelo Dr. ORLANDO DE SOUSA BRANCA

Em tempos já distantes, perdidos na noite dos tempos e da lembrança dos homens, mas de que a crosta terrestre, palco de um drama ingente e inacabado, guarda nas suas camadas superficiais a marca indelével, os vales hoje ditos de Foja, do Pranto, do Soure, e do Mondego foram domínio do Marque, à maneira de formosíssima ria, se alargava, em ternura galante, a beijar os sopés dos montes e colinas, onde hoje se erguem, como graciosos miradoiros, Coimbra, Montemor-o-Velho, Alfarelos, Verride, Moinho de Almoxarife, Maijora e outros povoados.

Disputou-lhe o senhorio o velho Monda, filho da altiva Estrela que, então impetuoso e jovem, de aliança com elementos que hoje se lhe tornaram adversos, não descansou enquanto, descarregando milhões e milhões de toneladas de aluvião, o não empurrou para além das portas de Almoxarife, até à Figueira, e aí plantou a sua foz.

Dessa luta portentosa de séculos e séculos, resultou esse ubérrimo chão, esses campos feracíssimos a que hoje chamamos campos do Mondego, o rio que, cansado e exausto, de mais já não é capaz do que de frágeis arremessos, de passagens basófias, quando o degeio ou copiosas chuvas lhe emprestam águas largas, com que arremeda o mar vencido e prepara para cada primavera a mais bela, extraordinária e polícromica das tapeçarias.

E' sobre um monte que divide as águas do Mondego e do Soure que se empoleira a Vila de Alfarelos a contemplar léguas e léguas de beleza e a sonhar com séculos de progresso e de grandeza para a qual o tempo entrará com o seu quinhão e — forçoso é accentuá-lo — todos os Alfarelenses, sem excepção, especialmente a sua esperançosa juventude, terão de contribuir.

Neste trigésimo aniversário da sua elevação a Vila é preciso que todos firmem o propósito de tornar Alfarelos tão grande e linda quão grandiosa e bela é a paisagem que se integra.

Que graça lhe não daria uma rua que, à maneira de cintura, a contornasse pelo sul desde a Ponte de Ferro ou do Outeiro, olhando o ameno vale do Soure e outra que, desde a Ponte de Ferro a contornasse pelo norte até ao encontro de uma circular do pitoresco miradoiro das Cabeças! Que bela avenida se não obteria pela arborização e alargamento — hoje fácil e possível — da estrada que desce da Vila até ao Chalet e iria ao encontro de dois amplos e floridos arruamentos que desde aí subissem, ladeando de um e outro lado a linha férrea, até à Ponte de Ferro!... E porque não pensar em alargar, rectificar e alinhar a rua que sobe ao Outeiro e as estradas da Fonte Nova e a de Santa Isabel, esta com vista à supressão da passagem de nível e à ligação com as que vêm de Soure, Condeixa e Coimbra rumo à Figueira da Foz? Que acréscimo de beleza e frescura não viria a Alfarelos se algumas das suas ve-

lhas e acanhadas ruas principais no coração da Vila fôsem alargadas e regularizadas e arborizadas os seus largos, nêles correndo abundante água potável de graciosos fontenários?!

A tudo isto há que juntar, como indispensáveis marcas de progresso, a construção de dois aereos e modernos edifícios escolares em local apropriado e a de uma casa destinada aos Correios e outros serviços públicos, um parque infantil arborizado, um balneário público, um pequeno mercado paroquial, a ampliação da sua rede de distribuição de energia eléctrica, a construção de uma rede de esgotos, a edificação da sede da sua mais que cinquentenária Filarmónica, a lógica conclusão da grande obra que é a sua Associação 1.º de Maio, os cautelosos arruamentos e urbanização do lindo subúrbio da Fonte dos Cães, etc.

Porque Deus não pode ser esquecido, que a Ele Alfarelos deve toda a riqueza e beleza de que disfruta, na Fonte dos Cães ou nas Cabeças uma elegante Capela ou um acolhedor Santuário devem ser erguidos como homenagem ao Senhor do Universo e testemunho dos seus sentimentos de gratidão e devoção.

Amái a vossa terra, Alfarelenses, com toda a dedicação e ponde todo o vosso esforço ao serviço do seu engrandecimento e aformoseamento. Ponde de parte as vaidades e as rivalidades que vos dividam que a vossa Vila a todos quer como filhos e em vós confia. E que um dia, debruçados sobre o passado e a obra do vosso esforço possais dizer, em verdade, como o Poeta, ... «para tamanho amor tão curta a vida».

Cartas do Ultramar

Prezados conterrâneos:

Recebi nesta risonha cidade de Lourenço Marques (risonha para alguns!) a gostosa notícia do 30.º aniversário da elevação da Nossa Terra a Vila e o desejo de alguns alfarelenses, daqueles em quem a chama do bairrismo ainda se não apagou de todo e à frente dos quais estará certamente o nosso Ex.º amigo Dr. Américo Goes Pinheiro a quem penhorado agradecemos a gentileza da incumbência, de dizermos algo para este número único do jornal comemorativo da data festiva.

A escolha não foi feliz, pois para tanto me falia engenho e artes como disse o nosso grande épico, mas, como Alfarelense não deixo de responder à chamada e cá estou para dizer não sei bem o quê.

E depois aeste breve introito e ralado de saudades que eu não sei se o tempo conseguirá vencer, pois elas são tanto maiores quanto mais amamos as pessoas que nos são caras e a terra que estremeçemos, desde menino e moço, desde aquele tempo em que, em bando, quais avezilas implumes, íamos estrada fora até à Tramagueira (os rapazes do meu tempo bem se recordam!) armados em guardadores de gado, único pretexto para saborearmos brincaadeira tão do nosso agra-

Programa dos festejos comemorativos do 30.º Aniversário da elevação de Alfarelos a Vila

Dia 11

Às 6,30 h.: — Salva de morteiros, anunciando a abertura dos festejos. Hastear da bandeira nos edifícios e na sede das colectividades locais.

Às 7 horas: — A Filarmónica 15 de Agosto Alfarelense percorrerá as principais ruas da vila.

Às 12 horas: — Início da distribuição de «Jornal de Alfarelos», número único comemorativo da data que se festeja.

Dia 12

Às 21,45 h.: — Serão teatral com a colaboração graciosa do Corpo Cénico do «GRUPO CARAS DIREITAS, de Buarcos».

Dia 13

Às 15 horas: — Encontro de futebol, no campo «Jorge Couto».

Às 16,30 h.: — Concerto no Jardim Público pela Filarmónica 15 de Agosto Alfarelense.

Nascida a ideia entre um reduzido grupo de meia dúzia de indivíduos que se propuzeram festejar esta data, embora sucintamente, é-nos grato registar a alegria e o carinho com que nos rodeou o povo da nossa terra, sinal bem nítido e sintomático de que não se apagou entre nós a chama do bairrismo, salvo raríssimas excepções com que todos, e em toda a parte, terão de contar. A todos os que deram a sua colaboração escrevendo ou anunciando neste jornal, ou incitando-nos para que prosseguissemos no nosso intento, vão os nossos agradecimentos.



ALFARELOS — Uma vista parcial

Da criação de um Sub-Posto da G. N. R. em Alfarelos

Tem Alfarelos, através de toda a sua existência — e não só esta terra como todas as outras, quer sejam grandes ou pequenos centros populacionais — tido as suas aspirações como não podia deixar de ser, desde que não queira cair, para sempre, no marasmo.

Dessas aspirações, umas tem-nas visto satisfeitas, outras estão em vias de satisfação, dependendo da vontade dos homens e da pressão junto dos poderes públicos se deles dependem, e outros ainda estão por solucionar.

Das primeiras, podemos apontar a instalação da rede eléctrica, obra sem dúvida de maior necessidade para qualquer localidade, montada em 1936; das segundas, o fornecimento de água à vila, tão necessitada desse melhoramento pela falta que lhe faz, pois, sendo Alfarelos localizada num alto, com dificuldade ali se encontra água, a não ser pouca e em poços muito fundos, valendo-se muitos dos seus habitantes das cisternas onde armazenam as águas das chuvas para os gastos domésticos; das últimas, a criação dum Sub-Posto da Guarda Nacional Republicana, subordinada ao Posto de Soure.

Podem dizer-se, sem receio de desmentido que, das mais antigas aspirações da nossa terra, aquela que ainda não conseguimos ver satisfeita, é sem dúvida esta da criação do Sub-Posto, pois que, já em 1915 — e já lá vão quase 45 anos — foi feita ao Ministro do Interior uma petição para autorização de o instalar em Alfarelos, sem que até à data algo se concretizasse.

Depois, e que seja do meu conhecimento, só há relativamente pouco tempo se voltou a insistir para agora, mais modernamente, se tentar de novo.

Parece que o assunto está em boas mãos, pois um grupo de alfarelenses dos mais dedicados e amigos de sua terra, está empenhado em levar a bom termo a sua vontade.

A ser levada avante a ideia, exigirá, para tanto, sacrifícios daqueles que, mais directamente, irão auferir benefícios da montagem do referido Sub-Posto — o que é absolutamente lógico — e por isso esperamos que, depois de bem vistas e analisadas as coisas, tudo venha a aplainar-se para o bom entendimento e pronta solução do assunto.

Afastados, como estamos, 13 quilómetros da sede do concelho, não poderá a nossa terra ser patrulhada convenientemente, pelo que se impõe e compreende o nosso pedido, não só por nos como ainda por todos quantos, nas mesmas circunstâncias, se encontram longe da área do Posto de Soure, tais como a Granja do Ulmeiro, Formoselha, Figueiró do Campo, Painça e os diversos casais entre estas povoações.

E porque a sede da nossa freguesia, pelo seu desenvolvimento comercial, pelo seu desenvolvimento agrícola com necessidade premente de vistorias às propriedades rústicas, e pela sua situação geográfica tem reunidas as condições primordiais à sua criação, esperamos ver satisfeita a nossa mais antiga aspiração que, a ver-se realizada, seria recebida com grande alegria por todos nós.

EDUARDO COSTA.

JORGE PIMENTEL

do — escorregar pelos carreiros feitos pelas alcantiladas ladeiras da «Costa» e lá do alto deslizar-mos como flechas pelos carreiros abaixo.

Quantos trambulhões! Quantos calções sem fundilhos!

Já lá vão 30 anos e como sabe bem, tão distante daí, recordar as diabruras de uma mocidade irrequieta!

Como o espaço que foi condicionado não permite mais, não quero terminar sem, tanto distante daí, vos unir a todos num fraternal abraço que não é só meu mas também compartilhado pelo Carlos Galvão e Alfredo Aires, neste momento juntos, e de vos fazer um apelo:

Que saibamos honrar a memória daqueles (todos sabem a quem me refiro) que num esforço inglório e desinteressado tanto pugnam pelos interesses da Nossa Terra, contribuindo cada um com a sua quota parte.

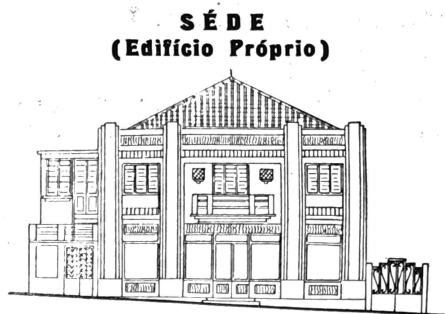
Eu, por mim, não deixarei de contribuir, e, dentro da modestia das minhas possibilidades, de responder — Presente!

Lourenço Marques, 1 de Março de 1958.



Comércio Geral

Importação—Exportação



ARMAZENS EM:

Alfarelos, Alfarelos-Gare, Casal do Redinho, Vila Nova de Anços

Stand Singer

Largo dos Combatentes da Grande Guerra

S O U R E

Escritório -- ALFARELOS

Telef. 66128 (COIMBRA)

TELEGRAMAS «GODINHO»

— APARTADO N.º 1 —

Estabelecimentos

RAMOS DA COSTA

Mercearia e Vinhos
Talho e Salsicharia
— FARINHAS —



Rua da Igreja
ALFARELOS

PADARIA Alfarelense

Gerência de

José Simões Garizo

(1.º Prémio do CONCURSO DE
PANIFICAÇÃO DE COIMBRA)



Rua Direita
ALFARELOS

António Ribeiro

MERCEARIAS E VINHOS
TABACOS E MIUDEZAS
TALHO E SALSICHARIA



Largo Combatentes da Grande Guerra
ALFARELOS

Farmácia Malva do Vale

Directora técnica

Dr.ª D. Maria Luisa Malva do Vale



Rua da Igreja
ALFARELOS



VELO SPORT

DE

JOSÉ RIBEIRO DA SILVA

VILA NOVA DE ANÇOS — Telef. 67111

Único representante para Portugal das bicicletas «ARSIL» e «RIGOSIL», as mais leves, resistentes, elegantes e... AS MAIS BARATAS.

Motorizadas «ZUNDAPP» «SACHS». Oficina de Reparações de bicicletas, motorizadas motos, motores de rega e outros, por EMPREGADOS ESPECIALIZADOS. Motores de Rega das marcas «VILLERS» «WISCONSIN» «CLINTON» «LISTER», e «PETTER». **Aos melhores preços do mercado.** Agente da Companhia de Seguros IMPÉRIO e dos Óleos DUBROIL.

Representado em CASAL DO REDINHO e ALFARELOS pelos Senhores: José Nunes Dias Sérgio e Manuel Simões Garizo «Pão», respectivamente.

Consultem sempre os nossos Preços porque são sempre os Melhores

Serafim de Sá & Filhos, Limitada

COM

Estabelecimento de todos os artigos para agricultura, tais como: Charruas, Enxofres, Adubos químicos, etc. Ferragens, Tintas e Drogas
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO—AGENTES DAS TINTAS ROBBIALAC
Agência Funerária

Todos estes artigos são vendidos aos melhores preços

Fábrica de Refrigerantes «FONTINHA»



AMIGOS AGRICULTORES

Visitai a Quinta da Fontinha onde encontrareis todos os utensílios para a vossa agricultura.

QUINTA da FONTINHA

TELEF. 66111

ALFARELOS

Alfarelos no aspecto associativo

Associação de Instrução e Recreio 1.º de Maio Alfarelense

Quando no ano de 1924 um numeroso grupo de gente mossa se agremiou e fez nascer a Associação de Instrução e Recreio 1.º de Maio, poucos dentre os que se congregaram, haverão pensado, a pesar de toda a febre do seu entusiasmo e dos muitos sonhos por que se moviam, que a recém criada agremiação, então a ensaiar os primeiros e indecisos passos, viria a alcançar, em futuro não muito dilatado, uma tão grande projecção no meio associativo local e a desempenhar tão relevante papel no plano cultural das camadas populares das nossas gentes.

Enquanto a acção da colectividade se desenrolou na velha vivenda da Praça Emídio Pinheiro, que lhe serviu de primeira sede; ainda, depois, quando se mudou o seu centro social para a casa da Rua das Clementes; sempre, e até então, a pouco mais servia do que à satisfação de uma necessidade de convivência e de reunião.

Mas quando adoptou por sede a casa de 1.º andar da Rua das Felizardas e se ergueu, ali, um modesto e acanhado palco que já nos parecia coisa grandiosa, a agremiação—sem que desejemos desfazer nos méritos da sua Tuna, de recordação saudosa—passou a desenvolver os seus verdadeiros fins. Os associados mais entusiastas pela arte de Talma, principiaram a organizar serões dramáticos que regalavam os assistentes e iam revelando talentos artísticos apreciáveis. Logo, veio o Cinema, com todas as suas largas possibilidades de difusão da cultura, e, pouco depois formaram-se os primeiros ranchos folclóricos que, em concurso com outros agrupamentos congêneres, se houberam com destacado brilho e de modo a merecerem os louvores da crítica, louvores em que se envolvia uma palavra de simpatia e de carinho para Alfarelos.

Chegou o ano de 1941 perene de promessas e repleto de esperanças. E a 13 do mês de Abril, numa noite memorável, a noxa e vetusta sede da Rua Direita, obra prodigiosa que representa o esforço magnífico de um povo, guiado por mão segura, em perfeita harmonia de acção, abre as suas portas de par em par e oferece ao orgulho de naturais e ao espanto de incrédulos estrangeiros, o deslumbramento da vasta sala de espectáculos festivamente engalanada e a regorgitar de gente e de entusiasmo, pela representação que ia seguir-se. E quando o pano subiu e aos olhos, aos ouvidos e ao sentimento de cada um chegaram a formosa dos cenários, os coros de vozes bem timbradas e as cenas do doce enredo da opereta «Noites de Santo António», os corações encheram-se de ternura, pela certeza que essa realidade vivida lhes trazia. Em verdade, só quem não conhecesse a valia social imensa desse homem que se chamava Virgílio da Silva Pinheiro, só quem ignorasse o quanto pode o amor bairrista nesta terra, só quem desprezasse a tenacidade dos que à frente dos destinos de associação se encontravam, ao tempo, poderia admirar-se de ter sido possível erguer aquela esbelta e grandiosa construção, avaliada em mais de uma centena de milhares de esodous, por uma colectividade que, ao abrir o primeiro cabouco, guardava em seus cofres a mísera quantia de meia dúzia de contos de réis.

Depois, depois foi o período áureo da agremiação, cuja vida era maré cheia de venturas. Sucedem-se as enoções de peças de muito agrad, desempenhadas com acerto e larga gama de recursos técnicos, por amadores locais. Acorreram mesmo companhias e grupos de amadores de comprovada categoria, vindos de outras terras; alargam-se as perspectivas ao cinema; cria-se a valiosa biblioteca. E tudo, tudo isso, serve para melhorar as condições culturais de seus associados e famílias, para que se estreitem os laços de convivência e de amizade, para atrair as atenções de estrangeiros, que concorrem aos espectáculos e às reuniões dançantes, e, para prestigiar o nome da nossa vila.

Rodaram os anos. Tombaram à terra muitos dos que deram à Associação o melhor do seu esforço e do seu sacrifício, muitos dos que, ajudando à evolução desde a velha casa da Praça até à actual sede, a tornaram naquilo que é hoje. Morreram os homens, cumprindo seus destinos, mas a obra ficou, latente, palpável, imorredeira. E' que nas pedras daquelas quatro paredes, o povo desta minha amada terra escreveu um poema eterno, um poema à força do querer, à união, ao altruísmo, à constância de vontade.

E se, em certo aspecto, pode dizer-se que alguma coisa da passada glória, se perdeu, por inação de importantes sectores associativos, eremos bem que a iniciativa de um punhado de agremiados e a conjugação de esforços, farão ressurgir o brilho, a grandeza e o prestígio a que nos habituámos.

Américo Pinheiro

O Futebol em Alfarelos

E' sempre com entusiasmo que, todos quantos têm vivido de perto os acontecimentos futebolísticos, falam, pretendendo a seu modo a primazia de uma época, deste desporto que em Alfarelos conta com grande número de praticantes e admiradores.

Pois bem. Este jornal, naltecedor de feitos e porta-voz das aspirações de todos os Alfarelenses, terá forçosamente de lhe consagrar algumas palavras que, por breves que sejam, falem um pouco da sua história e — por que não? — das suas aspirações.

Para aqueles que já passaram, a súpula da sua história poderá insit-los a momentos de grata recordação; para os que a vivem, esperança de a continuar, quanto mais não seja, dentro das suas tradições.

E' no Grupo Desportivo Alfarelense, fundado em 4 de Junho de 1938 e hoje integrado na Associação de Instrução e Recreio 1.º de Maio, que se resume, praticamente, toda a actividade representativa de Alfarelos no campo desportivo.

Ao longo das suas épocas, no campo de «Jorge Couto», a boa regra geral tem sido a sua principal característica, resultando daí, consequentemente, a constante posição que disfruta na vanguarda do futebol popular-regional. Geralmente bem, sim, de fora os interregnos de apatia que são, afinal, a transição entre o afastamento de uma geração e, seguindo a sua evolução, integração de outra, por vezes desfavorável, que a irá render.

Nun destes períodos e porque não souberam dar-lhe continuidade, valeu a magnífica, senão decisiva, contribuição da Juventude Católica Alfarelense na formação da quase totalidade dos elementos que hoje fazem parte do «Desportivo».

São estes rapazes que, em persistente e tenaz luta contra as contingências da sua fraca estrutura económica, se têm esforçado nesta incansável e imprescindível contribuição de valorizar tão emotivo e agradável passatempo.

Outros como estes, sucessivamente, farão o mesmo. Não duvidemos sequer. O seu brio; a indomita vontade de bem cumprir háo-de por certo acompanhá-los na agradável e honrosa incumbência de continuadores da magnífica pliéide de jogadores e dos grandes e iniludíveis momentos de entusiasmo e vibração que, por eles, Alfarelos tem conhecido.

Mas, se o seu valor e a sua vontade formam um todo que por si só pode garantir futebol-competição em Alfarelos, porém e conquanto não façam nada (outros...) por ele, há que conservar a existência do campo de jogos que, em quaisquer circunstâncias, facilitará as iniciativas tendentes ao seu renascimento ou ainda a um necessário ressurgimento.

Enfim, assim como as nossas aspirações, o nosso campo de acção é bastante

FILARMÓNICA 15 DE AGOSTO ALFARELENSE

A mais antiga colectividade de Alfarelos

Ultrapassou já meio século e vai a caminho dos 62 anos de existência, a Filarmónica 15 de Agosto Alfarelense, um dos grandes baluartes de educação e ensino da nossa terra.

Escola de cultura, em que a divina Arte dos Sons teve sempre a primazia, ela foi fundada em 1896 por um punhado de entusiastas e bairristas, ajudados pelo grande benemérito da colectividade que foi António dos Santos Neto, alma bem formada ao progresso e desenvolvimento da nossa terra.

E já que a ocasião se nos proporciona apontamos aos alfarelenses da actual geração a vontade firme e resoluta de António Neto e do grupo dos 10 fundadores, que sem um momento de desfalecimento, com persistência, espírito de sacrifício e com os olhos postos no progresso artístico da sua e nossa terra, edificaram a obra que muito tem honrado o nome de Alfarelos, dando, ao mesmo tempo, um exemplo de tão alto nível associativo.

Dos seus fundadores só existem actualmente 3 sobreviventes, que são os senhores Elísio Maria Martins, António Alves Carraca, e Higinio Ferreira, que apontamos a todos aqueles, especialmente à mocidade, que, futuramente, terão de ser os continuadores da hora por eles encetada e mantida pela actual e anteriores gerações. A eles, como alfarelense, rendemos o preito da nossa homenagem e para os que já não pertencem ao número dos vivos desfolhamos as pétalas da nossa saudade, pela obra que nos legaram.

A história da fundação da Filarmónica nasce duma rivalidade entre dois ranchos populares locais que se apresentaram pela primeira vez em 1894, por ocasião das fogueiras de S. João e de S. Pedro, um denominado «Lealdade», que se exibia em frente da Farmácia e outro denominado «Avenida» que tinha o seu pavilhão em frente do estabelecimento de Joaquina Vitória, mais tarde transferido para o largo de S. António.

Foi deste último rancho, o «Avenida», que saiu a ideia da constituição duma filarmónica, cujos primeiros passos coincidiram com a organização de uma «fanfarras», primeiro sinal de vida da colectividade, tendo como instrumentos uns primitivos pifaros, flautas, ferrinhos, pandeiretas, etc..

Era tal a vontade que se apossou dos entusiastas deste agrupamento, em organizar um grupo musical capaz de honrar o Rancho e a terra, que os irmãos Martins e os irmãos Alves Carraca, se dirigiram a Montemor, sempre grande alfobre de bons músicos, a solicitar, com a ajuda e apoio de António Neto, de Estevo Rama, grande músico daquele tempo e amigo daquele saudoso benemérito, que viesse a Alfarelos ministrar áquele grupo de jovens entusiastas, o ensino da música, até aí para eles desconhecida.

Com a anuência daquele que sempre

foi um músico de renome, especialmente nas grandes orquestras da Capital, estava lançado o primeiro alioerce para a obra a realizar.

Alfarelos tem sido sempre prestigiado com as variadíssimas deslocações da nossa Filarmónica.

Nas terras onde se tem apresentado, e elas têm sido tantas, principalmente na nossa região, entre as quais figura a Capital do nosso Distrito e outras cidades, a Filarmónica da nossa terra deixa sempre um rasto de simpatia e admiração, quer pela sua impecável apresentação, quer pela sua execução artística sempre perfeita.

As honrosas distinções com que a têm galardoado são bem a prova clara do que afirmamos.

No capítulo de assistência, a Filarmónica 15 de Agosto nunca regateou o seu concurso quando se trata de proteger os que precisam.

Atestam-no, no decorrer da sua existência, bandos precatórios, bailes de caridade e outros auxílios prestados.

Foi ao fim de 60 anos de existência que o grande sonho que os sócios e simpatizantes acalentavam há muito, se tornou em certa realidade.

A construção de uma sede própria germinava na ideia de muitos dedicados servidores da simpática colectividade, mas a ideia, embora tomasse vulto, esbarrava sempre com as naturais dificuldades que inevitavelmente se deparam.

Mercê duma economia rígida, dirigida com acerto, foi possível reunir os fundos precisos à aquisição dum terreno onde se levantasse a nova sede da colectividade.

Escolhido este local central na nossa vila, já a Inspeção Geral dos Espectáculos deu a sua aprovação ao respectivo projecto da autoria do distinto Agente Técnico de Engenharia, nosso ilustre conterrâneo sr. Júlio Gonçalves, que apresentou trabalho digno de realce e que lhe valeu os maiores e mais rasgados encómios.

Logo que se obtenha a aprovação, por parte da Direcção das Estradas do Distrito e da Câmara Municipal de Soure, ao referido projecto, pensa-se dar início à primeira fase da construção, mas, para isso, a colectividade espera receber o precioso auxílio de sócios e simpatizantes, enfim, de todos os alfarelenses e amigos de Alfarelos que se encontram espalhados pelo Mundo, pelo que pensa, em breve, dirigir-se-lhes nesse sentido.

Sem esse auxílio — e quem poderá negar a uma colectividade, cuja folha de serviços só tem sido dedicada ao bem comum! — sem a dedicação e o espírito de sacrifício de muitos alfarelenses consagrados à causa da Filarmónica, esta não poderá continuar com a sua missão cultural, instrutiva e benéfica, em prol da população de Alfarelos e que tem sido o seu lema no decorrer dos seus 61 anos de existência.

António Alves Carraca

A Sociedade dos Lavradores de Alfarelos

Fundada cerca do ano de 1880 por iniciativa do alfarelense professor Olegário Cardoso Aires Pinheiro, desde então, esta associação de seguro mútuo, aberta a todos os criadores de gado bovino, tem vindo a desenvolver sua meritória actividade, sem alardes e sem pompas, mas com largo proveito para os beneficiados.

Numa terra onde contam alguma coisa na balança económica, os proventos auferidos por seus filhos no exercício da indústria, do comércio limitado. No entanto, e para além da transcendência dos factos, resta-nos aguardar o desporto e útil se poderá fazer por este bairro no mesmo tempo para elevar o bom nome de Alfarelos.

JOAQUIM DE OLIVEIRA

co e das profissões liberais, mas cujo principal labor se encontra na agricultura, os lavradores, mórmente os menos abonados, encontram amparo nesta Sociedade — decana das agremiações alfarelenses — nos momentos de infortúnio, quando as rézes que os auxiliam na vida árdua do amanho do agro sofrem desastres que as desvalorizam ou inutilizam.

Resistindo a vicissitudes de vária ordem e às contingências de tempo, a velha Sociedade dos Lavradores, com um passado de quase 80 anos, distribuiu até ao presente, por seus associados, indemnizações de cobertura de accidentes, no montante de centenas de contos.

Recordando-a neste breve apontamento, ao mesmo tempo que se rende homenagem à sua prestimosa acção, revela-se um aspecto mais de espírito associativo dos homens de Alfarelos.

A. P.

Recordando

A Aleluia dos meus tempos de rapaz

pelo Dr. Carlos Goes Pinheiro

Que barulheira!

Ali, no adro da Igreja, antes do largo ser transformado em Jardim Público e quando ainda era para todos nós, simplesmente, o Outeiro, no sábado de Aleluia, por volta das oito e meia da manhã, era uma chilreada insurdecadora com tanto garoto, cada qual com sua campainha (conseguida sabe Deus como), ensaiando o seu baladar para quando chegasse a hora da partida.

Pouco antes das 9, numa força ao lado da Igreja, içavam o Judas, sempre um tipo caricato ou de poucas simpatias na terra, com uma versalhada crítica, dependurada, a explicar a razão porque ali se encontrava, versos esses quase sempre de pé quebrado, o que em nada fazia desmerecer da nossa admiração de garotos. Um casaco velho, umas calças no mesmo estado de conservação, umas botas estafadas e boné ou chapéu que nem pedinte o queria, davam, depois de se saber o personagem de que se tratava, a ideia nitida daquele que nesse dia se despedia de nós.

Punham-lhe fogo no meio de uma algazarra tremenda e começavam por lhe arder as pernas de palha, dentro de cada uma das quais estava uma bomba; depois o corpo, e, por fim, a cabeça, onde era colocada uma especial, forte, que despedaçava o que restava do Judas, terminando assim com aquela agonia, no meio de risada geral.

A's vezes o visado passava ali perto, ou por acaso ou por aviso, e, então, barafustava, o que aumentava o nosso gaúdio.

Terminada a queima do Judas, o que coincidia com o badalar festivo das 9 horas, não era preciso mais nada para aqueles vinte a trinta rapazes se lançarem em louca correria direitos ao Alto da Praça, anunciando nas suas vozes juvenis, sonoras, timbradas e espaçadas:

A-lé-luia, A-lé-luia!

Ressuscitou Nosso Senhor!

A's portas vinham ver o rapazão, e a marcha acelerada continuava para a Cruz do Cabo, descia à estrada, virava para Santo António, media direita à Ponte de Ferro e só parava na Fonte dos Cães onde, aparada nas mãos, a boca na torneira ou pela campainha grande levada pelo mais velho do grupo, a água bebida tinha um gosto muito especial, àquela hora da manhã, em cima do pequeno almoço que tinha sido tomado à pressa, não fosse perder-se pitada da festa.

Era então a volta.

As campanhas tocavam agora com mais força, a algazarra era maior, e, a correria era mais ligeira, pois a água tinha-nos dado novas forças, qual automóvel com depósito agora atestado de gasolina.

Tlim, tlim,

tlão, tlão,

A-lé-luia, A-lé-luia!

Ressuscitou Nosso Senhor!

Passada a Ponte subíamos a rua dos Fornos, e, num pronto, estávamos na igreja onde, a entrega da campanha grande na sacristia, aquela campanha que ainda hoje ali existe e que tanto serve para dar as badaladas pungentes em tardes de funeral, como para anunciar pela Páscoa a aproximação do Senhor, marcava o fim da anunciação da Aleluia, depois de dadas sete voltas à igreja.

Descansávamos sentados na relva do velho Outeiro, transpirados, caras vermelhas do esforço dispendido, mas satisfeitos pelo dever cumprido e ali contávamos as peripécias dessa manhã.

Então, num acto que para mim era sempre muito sério, ia entregar a campanha, todos os anos emprestada por minhas velhas tias, colocando-a em cima da escrivaninha em frente da janela que dava para o Outeiro, onde durante um ano soçegava das canseiras desse dia.

Bons e felizes tempos esses!...

Velha campainha cromada e de pega rendilhada!... Que será feito de ti?

Das origens do lugar, que teve Mosteiros por donatários

E' de remota e duvidosa origem a fundação do lugar de Alfarelos.

Estudiosos que ao assunto têm dedicado alguma atenção acceitam que o seu aparecimento coincidiu com a dominação árabe no território.

Admite-se mesmo que os habitantes do lugar—então mancinha povoá—, tenham presenciado o ataque que, no ano de 848, o califa de Córdoba Abd-el-Rahaman moveu ao castelo de Montemor. Aqui, em Alfarelos, teriam os invasores estabelecido seu acampamento, levantando suas tendas, e, aqui, terão preparado as sortidas contra aquele esforço baluarte da cristandade.

Nos etímos árabes Alfahar e Alfarás buscam certos entendidos a fonte do vocábulo por que se denomina a vila de nossos dias. E, a ser exacta a derivação, Alfarelos terá sido terra de oleiros ou terra de cavaleiros, que tais são os significados daquelas sarracenas palavras.

No período da Reconquista, nomeadamente no século XII, altamente flagelado terá sido o povoado, pelas hordas muçulmanas, então em correrias sangrentas sobre os castros de Soure, Montemor e Santa Eulália, importantes fortalezas e verdadeiras guardas avançadas das hostes cristãs no extremo sul da terra portugalense, de indecisos limites.

Se nessa época as gentes do lugar tinham erguidas, já, suas edificações no precioso sítio por onde a vila hoje se alarga; se, ao contrário, nesse tempo, os habitantes se agrupavam em sociedade, além, na Costa d'Arnes, é coisa que não está apurada. Com efeito, por ocasião de escavações aí realizadas, têm sido encontrados utensílios domésticos, materiais de construção, e restos de cozinha, o que leva a supor

que em Arnes esteve instalado o primitivo povoado, abandonado em época ignorada por mercê de cataclismo natural, por razões de estratégia ou por via de destruição guerreira com que os triunfadores castigavam os vencidos.

Mas pode também aventar-se terem existido duas povoações distintas, em períodos históricos diversos, se não mesmo duas povoações coevas.

Sabido como é ter sido o Mosteiro de Santa Cruz, da cidade de Coimbra — o mais opulento do reino — quem promoveu o cultivo e o povoamento das terras ao sul do Mondego, à medida que eram conquistadas à mourama, é de crer que o lugar de Alfarelos tenha sido incorporado em seus domínios.

Porém, no século XV é seu donatário o Mosteiro de São Paulo de Almaziva, e, no imediato, pertence já ao Real Colégio do Espírito Santo ou de São Bernardo, daquela cidade. E por se encontrar doado aos mosteiros. Carta de Guarda e Encomenda e Carta de Privilégio lhe concedeu o Rei Dom João, primeiro de nome, corria o ano de 1433.

Decorrem os anos, decorrem os séculos, e até meados da era de oitocentos vivem, Alfarelos e o termo, à sombra de seus padroeiros, entregues os homens aos trabalhos do amanho dos campos e das encostas. Então, extintas as ordens religiosas por decreto de Manuel Fernandes Tomaz, vêem-se as gentes libertas dos ditimos, poias e outros encargos que sobre si pesavam.

A recordar os antigos donatários da vila existe, ainda, na Praça Emídio Pinheiro, parte da extensa construção que serviu de celeiro aos frares.

A. P.

Prevenção ao leitor

A publicação deste jornal originou um somatório de sacrifícios, de dispêndios e de canseiras, que não está ao alcance de muitos imaginarem.

Mas «Jornal de Alfarelos» aí está: pequenino, modesto, quase envergonhado da sua humildade, todavia apto a desempenhar a função para que foi criado.

Oferido a várias e destacadas personalidades e a organismos estaduais, em preito de admiração ou em cumprimento de norma de cortesia, o nosso jornal chega às mãos de alfarelenses e de amigos de Alfarelos, sem distinção de credos nem de classes e em distribuição gratuita. Dêstes, os que quiserem compensar-nos têm meio de o fazer.

Bastará que concorram com suas dádivas para obra de beneficência que é nosso desejo auxiliar: uma associação dessa índole, que pessoas de bem projectam erguer entre nós. O produto arrecadado será entregue por inteiro àquela instituição; será aplicado num budo a distribuir pelas pessoas mais necessitadas da freguesia, se tão simpático projecto não for por diante.

E o leitor, alfarelense ou amigo de Alfarelos, por certo não remeterá, apenas, os quinze tostões em que avalie o preço da publicação.

Lembrar-se á que a sua espórtula irá beneficiar um amigo de infância ou um companheiro dos bancos da escola a quem a boa fortuna não sorriu; o seu antigo assalariado, o companheiro de trabalho, um vizinho, um amigo, e, porventura, até, um parente, que a invalidez, a doença ou a velhice impossibilitam de ganhar o pão de cada dia.

O envio das importâncias que estiverem na vontade de cada um pode ser feito para o editor de «Jornal de Alfarelos» e a entrega directa pode effectuar-se nos principais estabelecimentos comerciais de Alfarelos e do Casal do Redinho a que forem confiadas listas de inscrição.

E' Delegado do jornal na cidade do Rio de Janeiro o Sr. Helder Augusto Fernandes Rôlo — R. Leopoldino Régio — N.º 464, que está encarregado da recolha de dádivas.

De tudo o que ocorrer se dará conta com a publicidade conveniente.

O EDITOR.

CASAL DO REDINHO: Os artistas oleiros e as

FESTAS DE S. PEDRO

ção de oleiro?

Casal do Redinho!...

Pequena aldeia, de pouco mais de quatrocentos de almas, estendida numa clareira do bosque imenso de pinhal, ligada ao mundo pela estrada certinha e asfaltada que lhe passa pelo meio e vai da sede da freguesia à cabeça do conceelho. Ali, ao redor da pequenina capela que se ergue no único largo da aldeia, realizam-se em cada ano, pelos fins do mês de Junho, festividades em honra de S. Pedro. Acorrem gentes das vilas, das aldeias e dos casais próximos, em cumprimento de piedoso voto ou apenas na mira de tirar prazer das funções.

Vão ver o Santo, vão ver a festa que abre um intervalo agradável na cadeia continua dos dias de trabalho, e vão comer seus farnéis.

Na véspera, enorme fogueira — alto castelo de fogo — alimentada pelos madeiros de pinho das matas da vizinhança ilumina o adro, onde há danças e derrichos de momento e se consertam matrimónios. No dia grande, o dia 29, depois da missa cantada, sai a procissão, bicha do coleteante a deslizar pela rua principal do lugar, de baixo de um calor tórrido de sol em equinócio.

As berrantes opas da irmandade, os anjinhos, a música de notas estridentes a reboarem por quebradas e outeiros, e o povo comprimido no couce do cortejo, lá vai tudo, em marcha lenta e compassada, até ao cruzeiro do fundo do povoado. E dando a volta, recolhe a procissão à capelinha, com o atroz de muito foguetório a assinalar o momento.

E' altura das gentes se alargarem pelo adro onde se vendem limonadas e gazozas, e vinho, muito vinho para as bocas sequeiros. Entanto, no palanque a um canto alevantado, coberto por larta

ramagem verde que não dá frescura alguma mas resguarda dos raios solares, rompe a música em passo dóbles e ordinários alegres de concerto.

E foi ali, já lá vão alguns lustros, que assisti à última tOURADA à vara larga realizada no termo da freguesia.

Os cornúptos nados e crescidos na beira do Mondego entravam na improvisada arena formada por carros de tracção animal, postos em círculo. Eram lidados pela mocidade mais valente, com arrojado destemore, pois por única defesa contava cada qual com a vara que empunhava.

Começada a lida subia de ponto o entusiasmo da assistência, entontecida e excitada, ora investindo o bruto, ora incitando o toureiro. O bicho avançava, hastes em baixo, em geito de facilitar a colhida, e era então que o lidador jogava a sua cartada: ou enfrentava o animal, com a vara, amedrontando-o ou molestando-o, com o que o detinha na carreira, ou, voltando as costas, corria célere a alcançador-se no carro mais próximo.

Em uma ou outra circunstância arriçava-se a ser atingido, tombado ou volteado, perante o gaúdio de alguns, a grita de muitos, e, os choros das mães, das irmãs, das consortes ou das namoradas. Uma a uma eram corridas todas as rezes. E quando a peleja findava, alguns dos bravos lidadores ostentavam lenhos pelo corpo, trofeus da vitória ou despojos da derrota.

Que mundo de recordações me traz à memória a lembrança das festas a S. Pedro, no Casal do Redinho, essa pequena aldeia estendida numa clareira do bosque imenso de pinhal, cujo povo, á custa de muito suor e de muitas canseiras nos arrozais lamacentos e nas oficinas de olaria, está fazendo um esforço magnífico, no sentido de aumentar sua riqueza, garantia de um futuro melhor para seus filhos! — A. P.